

DIA DE PORTUGAL*

Antonio Gomes da Costa

Esta é a hora do lausperene a Portugal, quando, reunidos neste Templo de arte e de cultura, oferecido ao Brasil por aqueles que um dia deixaram sua terra de berço e vieram plantar aqui as raízes do futuro, evocamos a epopéia camoniana e o percurso existencial de um povo, que, no seu destino e na sua construção, soube dar ao mundo novos mundos, dilatar a Fé, plasmar e difundir uma Língua e enriquecer com novos valores a Civilização ocidental e cristã.

Esta é a hora do lausperene a Portugal, quando, ao olhar para o traço manuelino da arquitetura do Real Gabinete, para o simbolismo destas colunas e medalhões, para o recheio das estantes e o busto, ao fundo, do Poeta maior, lembramos não apenas os que fundaram em Ourique o Reino portugalense, os que depois o alargaram para o sul nas lutas contra os mouros e os que o defenderam na meseta hispânica da cobiça hegemônica de Castela, mas também os que dobraram o Cabo da Dor e do Bojador, o Cabo das Tormentas e da Esperança e chegaram ao Oriente e ao Brasil, percorrendo as 7 partidas do mundo, criando novas nações, abrindo espaços para o comércio e a missionação, cruzando raças e experiências, erguendo fortalezas e alargando fronteiras, que eram mais a espuma do Sonho do que os limites geográficos do Império.

Esta é a hora do lausperene a Portugal, quando perpassam pela nossa mente os heróis e os artífices da Nacionalidade, os sábios e os santos, os que nas Cortes ou no sertão serviram a Pátria, os Mestres e os Poetas, os navegadores que sulcaram os mares para chegar a "terras antes não pisadas" e os bandeirantes, os missionários e os desbravadores; perpassam as figuras de Afonso Henriques e D. Diniz, do Príncipe de Aviz e da geração dos Infantes,

(*) Discurso proferido pelo Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras na celebração do Dia de Portugal em 10 de junho de 1994.

do Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, do Príncipe de Bragança e de D. Pedro I, de Pombal e de Pedro Teixeira, de Serpa Pinto e de Gago Coutinho, de Camões e de Gil Vicente, de Herculano e de Garrett, de Camilo e de Eça, de Antero de Quental e de Fernando Pessoa, de São Francisco Xavier e do Padre Manuel Bernardes, de São João de Deus e da Rainha D. Leonor, da Maria da Fonte e de Florbela Espanca, do Grão Vasco, de Malhoa, de Columbano, de Amadeu e de Vieira da Silva, de Pascoais e de Torga.

Esta é a hora do lausperene a Portugal e não só a Portugal mas também ao Brasil, pois os dois países dividem a História, o Idioma, os patrimônios, a arcada do passado, e dividem também o presente afirmativo e o formato de uma comunidade que se projeta sobre o futuro balizada por aspirações e convergências transnacionais.

No lausperene, o mais certo seria ficarmos no louvor e na concentração, no pensamento e na prece. Mas hoje será diferente porque não só ouviremos um ilustre português, Mestre do Direito e Mestre de Coimbra, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e professor emérito, amigo do Brasil e amigo da nossa Comunidade, como teremos a honra e o gosto da palavra para tributar ao Prof. Doutor Antônio Arruda Ferrer Correia, numa data muito especial para os portugueses e para os brasileiros, as nossas homenagens e o nosso reconhecimento. Conferiu-lhe o Real Gabinete Português de Leitura seu maior galardão por tudo aquilo que tem feito, no plano individual e institucional, por esta Casa. E conferiu-lhe a nossa comunidade, através da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, que interpreta o consenso de todos, um imenso “certificado de dívida” pelo muito que fez pelos portugueses do Brasil e pelos luso-descendentes. De um grande amigo não é preciso desenhar os traços, não se recorta o perfil, nem se menciona a riqueza do saber jurídico e a simetria do caráter, nem se alude à proficiência do magistério e à verticalidade do exemplo. Mas não poderia neste instante, ao dizer o nosso muito obrigado ao Homem e à Instituição a que preside, o quanto nos sentimos em débito por tudo o que recebemos de um e de outra, do Prof. Ferrer Correia e da Fundação Calouste Gulbenkian, durante décadas a fio. No jurista eminente e antigo Reitor da Universidade de Coimbra, sempre encontramos o grande lusiada a compreender e amar o Brasil. Estabeleceu com juristas brasileiros — ele que teve a Mãe nascida neste País — um relacionamento permanente e uma troca profícua de conhecimentos na área do Direito e da Doutrina. Nesta Casa foi um dos signatários da fundação do Instituto Luso-Brasileiro de Direito Comparado; da Universidade Federal do Rio de Janeiro recebeu as insígnias de “Doutor Honoris Causa”; por vários Estados do Brasil as suas lições nas Universidades e os seus pronunciamentos em Congressos e Encontros foram sempre aguardados com vivo interesse e deram o plano paradigmático dos estudos da Ciência do Direito e em Portugal.

Mas ao lado do Homem e do Mestre, está também a instituição e o que ela tem feito em Portugal — como autêntico Ministério da Cultura; na África, na Arménia, em França, em Goa, nos Estados Unidos, em Malaca, no Brasil, por toda a parte. A Fundação Calouste Gulbenkian, quanto não devemos? Em quantos projetos e iniciativas colaborou? Quanta ajuda dela recebemos para

difundir a cultura portuguesa no Brasil! Ontem foram os hospitais das “Beneficências”, das Obras de Assistência e das Casas de Portugal, que apetrechou com os “centros cirúrgicos”; depois, foi a sede da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e o Centro Luso-Brasileiro de Cultura, na Rua Pereira da Silva, cuja aquisição subsidiou; e foi este Real Gabinete, foram as atividades de seu centro de estudos, a compra do prédio anexo que inauguraremos daqui a pouco; as estantes e as instalações que nos ajudou a concluir; e poderia citar ainda a Biblioteca Nacional, a Casa Rui Barbosa, o Centro de Artes Calouste Gulbenkian, os Gabinetes Portugueses de Leitura do Recife e de Salvador e tantas outras instituições, Universidades e Centros de Estudo, tudo formando uma rede fantástica de filantropia, de benemerência e de apoio à cultura portuguesa e à cultura brasileira, ao desenvolvimento e à pesquisa científica, à conservação da memória, à Música e às Artes plásticas, à instrução e ao Conhecimento.

Por tudo isso e por ter vindo a nosso pedido falar sobre o “Dia de Portugal” no Real Gabinete agradecemos muito ao Prof. Doutor Antônio Ferrer Correia e pedimos-lhe que seja intérprete da comunidade junto a todos os nossos amigos da Fundação Calouste Gulbenkian e que continue, como tem acontecido ao longo destes anos, como amigo sincero e prestimoso a ajudar-nos a enriquecer cada vez mais a presença portuguesa no Brasil.

Em nome da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, do Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Rio de Janeiro e do Real Gabinete Português de Leitura quero agradecer também a Sua Excelência o Dr. Elcio Álvares, Ministro do Comércio e Turismo, que representa nesta solenidade o Senhor Presidente da República, Dr. Itamar Franco. Impedido de vir ao Rio de Janeiro, Sua Excelência dignou-se prestigiar-nos solicitando ao Ministro Elcio Álvares que partilhasse conosco deste momento de profunda emoção patriótica.

Também uma palavra muito especial de estima e de reconhecimento à Universidade Gama Filho, na pessoa do Magnífico Reitor Prof. Sérgio de Moraes Dias, que, através do seu “Corpo Artístico”, tem-nos prestado sempre uma admirável colaboração em nossas atividades cívicas e culturais, bem como na revelação de tantos mestres e especialistas no seu Curso de Pós-graduação e Cultura Portuguesa. Precisamente há 10 anos o Corpo Artístico da Universidade esteve em Portugal, onde deixou, com suas apresentações em várias cidades, e por coincidência na Fundação Calouste Gulbenkian, um rastro fulgurante do talento e da vibração da juventude brasileira. Pois será aqui, no Real Gabinete, que a Universidade e o seu Corpo Artístico, lembrando esse momento, vai começar a “reviver Portugal”, através da música e da poesia, das danças e do canto, da beleza e da criatividade de seus componentes.

Agradeço às Autoridades, ao Grupo de Fados e Guitarras dos antigos alunos da Universidade de Coimbra, à Banda Portugal, aos Presidentes e Diretores das Associações Luso-Brasileiras, aos jovens que trouxeram seus estandartes, aos nossos convidados e a todos os amigos que vieram celebrar conosco o “Dia de Camões” e reforçara nossa prece pelo progresso de Portugal e do Brasil, pelas relações entre os dois Países, pela felicidade de nossos povos.